

A Conferência do Nordeste e o Movimento Igreja e Sociedade¹

Uma das características que marcam o povo brasileiro é a falta de memória. Algo cultivado não por acidente, mas por uma cultura política que se mantém exatamente graças à curta memória do povo. A falta de memória histórica, coletiva, também marca o protestantismo brasileiro. Por isso são tão poucos os que sequer sabem que houve uma conferência importante para a história do protestantismo brasileiro que foi realizada em Recife, em 1962, por iniciativa do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da Confederação Evangélica do Brasil. Esta Conferência histórica reuniu alguns dos principais intelectuais brasileiros da época, inclusive Celso Furtado, Paul Singer e Gilberto Freyre, para, juntamente com vários pastores e teólogos protestantes, discutir o processo revolucionário no qual o Brasil se encontrava e a participação cristã no mesmo. O título desta consulta, então, foi *Cristo e o Processo Revolucionário no Brasil*. Nunca antes ou depois desta conferência se viu o protestantismo brasileiro tão engajado na discussão da realidade social brasileira e tão consciente da necessidade de participação na construção de tal realidade.

Se poucos sabem disso, muito menos ainda sabem que esta conferência, na verdade, foi a quarta de uma série de consultas que o Setor de Responsabilidade Social da Igreja começou a realizar a partir de 1955. Quando a Conferência do Nordeste, ápice deste movimento, completa 45 anos, torna-se importante para o protestantismo brasileiro o resgate desta memória empurrada para debaixo do tapete da história por aqueles que a acham perigosa e subversiva.

Uma das coisas mais importantes que precisamos entender sobre a Conferência do Nordeste é que ela é o resultado do aprofundamento do pensamento e da ação de um grupo de cristãos que descobriu a necessidade de participar da construção da nacionalidade brasileira. Este movimento, que se tornou conhecido como Igreja e Sociedade, é uma das mais interessantes iniciativas já vistas no seio do protestantismo brasileiro. Este foi um movimento que, antes de tudo, tinha um caráter leigo na sua origem. Não nasceu por iniciativa de pastores, mas pela inquietação de estudantes, seminaristas e universitários, cansados da falta de participação das igrejas nas lutas sociais do nosso povo. Eles deram início à União de Estudantes Cristãos do Brasil (UCEB), uma das mais vigorosas e atuantes organizações evangélicas na década de 50. Em 1952, estes estudantes realizaram, no Sítio das Figueiras, em São Paulo, a Primeira Conferência Latino-Americana de Estudantes Cristãos, que se tornaria um marco fundamental na construção do movimento igreja e sociedade, primeiramente no Brasil, e posteriormente na América Latina. Neste encontro, eles convidaram, entre outros, um missionário norte-americano, que tinha sido expulso da Colômbia por assumir algumas posturas ousadas, que incomodaram as elites colombianas, para discutir a questão da Vocação Cristã. Seu nome era Richard Shaull. Ali, entre outras coisas, pela primeira vez no protestantismo brasileiro se discutiu seriamente as questões postas pelo marxismo para a teologia cristã. Shaull era alguém que vinha trabalhando estas questões já por alguns anos. O diálogo com ele foi elucidativo para os estudantes presentes, que queriam entender melhor as possibilidades de relacionamento entre o cristianismo e o marxismo. Aquela conferência deu um novo impulso ao movimento evangélico estudantil no Brasil, e muitos dos

¹ Transcrição da fala no IV Fórum Popular de Teologia, em Bultrins, Olinda, Pernambuco, em novembro de 2007. Tratamento mais detalhado desse tema pode ser encontrado no livro *Facing the Poor: three Evangelical Responses to the Plight of the Poor in Brazil* (2009), pelo autor.

estudantes que participaram da conferência voltaram para suas comunidades dispostos a compartilhar as experiências vividas ali. Richard Shaull, numa tentativa de aprofundar as questões discutidas ali, publicou um livreto chamado *O Cristianismo e a Revolução Social*, que se tornaria um importante guia, não somente para o movimento de estudantes cristãos, mas para todos os cristãos interessados em participar das importantes transformações sociais que estavam acontecendo no país. A partir dali, Shaull se tornaria uma espécie de intelectual orgânico daquele movimento.

Paralelamente ao Movimento de Estudantes Cristãos, surge, em 1955, o Setor de Responsabilidade Social da Igreja, através de uma iniciativa de Richard Shaull e Waldo César, um dos mais ativos líderes da juventude presbiteriana e do movimento de estudantes cristãos na época. A princípio, a idéia de Shaull e César foi uma comissão autônoma de Igreja e Sociedade. Mas, ainda no primeiro ano de existência, em 1955, esta comissão se tornou parte da Confederação Evangélica do Brasil (CEB), um órgão interdenominacional, constituído de seis das principais igrejas protestantes do país, tendo o seu nome então sido mudado para Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI).

Um dos objetivos do SRSI foi o de promover reuniões nacionais para discutir tópicos de relevância para a sociedade brasileira. E entre 1955 e 1962 o SRSI promoveu quatro consultas, que aprofundaram as discussões sobre a responsabilidade social da igreja e a participação da igreja na sociedade brasileira. É dentro deste contexto, e tendo em vista o aprofundamento desta discussão, que a Conferência do Nordeste pode ser mais bem compreendida.

O tema da primeira consulta, realizada em São Paulo, em 1955, foi “A Responsabilidade Social da Igreja”. O tema foi discutido de forma genérica, como um programa de estudo e ação. A preocupação básica, como um passo inicial, era estudar as bases bíblicas e teológicas da responsabilidade cristã na esfera sócio-política. A consulta concluiu que como cristãos era necessário que testemunhássemos a fé cristã nos espaços que se constituíam os centros de influência e de poder sócio-político. Tal percepção desafiava os cristãos a desenvolverem uma nova linguagem e uma compreensão mais ampla do sentido da tarefa da evangelização.

Em 1957, foi realizada uma segunda consulta, em Campinas, cujo tema já se tornava mais específico: “A Igreja e as Rápidas Transformações Sociais no Brasil”. Sem necessidade de continuar remoendo as bases bíblicas e teológicas para a responsabilidade social da igreja, sentia-se agora a necessidade de compreensão mais profunda dos processos sociais que estavam acontecendo no país e no mundo naquele instante, a fim de que a igreja pudesse participar deles. A grande preocupação naquela consulta era de que a ausência da comunidade de fé naqueles processos de mudança deixasse tais processos sem qualquer orientação ou perspectiva teológica.

Em 1960, aconteceu a terceira consulta, com o título “A Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade”. Chegava-se ao fim de uma década marcada pelo desenvolvimentalismo, na qual o povo brasileiro tinha oscilado entre o entusiasmo diante das promessas de um futuro brilhante e a frustração trazida pelas terríveis conseqüências dos processos de urbanização e industrialização que estavam acontecendo no país. Esta consulta foi uma convocação cristã para a participação de forma solidária nas diversas áreas que estavam experimentando profundas transformações no Brasil: social, econômica, política e cultural. Havia entre aqueles jovens a convicção de que as igrejas protestantes não poderiam continuar distantes do processo de formação da

nacionalidade brasileira. Sem ilusões, deveriam participar ativamente das lutas da sociedade e do povo brasileiro; em última instância, uma luta por justiça social.

A quarta consulta se tornou a mais polêmica e mais importante de todas. Aconteceu em Recife, em 1962. Tornou-se, por isso, conhecida como a Conferência do Nordeste, e teve como tema “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. O otimismo da década anterior tinha definitivamente passado. As estruturas sociais da sociedade brasileira estavam abaladas, e o país lutava agora com o subdesenvolvimento e a pobreza. Vários grupos oprimidos começavam a se articular na busca de reais e mais radicais transformações. Faltava, porém, a presença da Igreja Evangélica naquele cenário. A escolha daquele tópico, portanto, visava expressar a ousadia e o realismo do encontro entre a mensagem cristã e a realidade concreta da sociedade brasileira naquele instante. A mudança de localização geográfica da consulta—do Sudeste para o Nordeste—era significativa. O Nordeste brasileiro, a região mais empobrecida do país, era o lugar onde o escândalo da injustiça social reinante no país era mais visível. Esta consulta pretendia levar o movimento igreja e sociedade a outro nível de participação nas lutas sociais que estavam acontecendo no país. Não bastava falar de solidariedade e participação. Era importante que os participantes da consulta pudessem ver face a face, em primeira mão, uma das mais escandalosas realidades sociais do país. Ali também eles iriam encontrar a luta diária do povo pela sobrevivência, e sua mobilização não apenas no espaço urbano, mas também na esquecida e ignorada realidade rural, por meio de movimentos como as Ligas Camponesas. Como disse Waldo César, um de seus principais organizadores, uma das marcas mais importantes da Conferência foi o diálogo, tanto por meio do encontro direto com estas realidades, como pela oportunidade de ouvir outras vozes pensando estas questões.

A Conferência do Nordeste levava este diálogo a níveis ainda não experimentados antes pelo protestantismo brasileiro. Havia uma preocupação de que tais consultas se tornassem um espaço onde os evangélicos estariam falando apenas consigo mesmos. Historicamente, o protestantismo brasileiro sempre teve grande dificuldade de se integrar à realidade brasileira. As consultas anteriores tinham acontecido a portas fechadas, com pequenos grupos de teólogos e líderes eclesiais protestantes tentando entender a realidade brasileira e discernir a participação da igreja nela. Na Conferência do Nordeste, porém, os protestantes convidaram a sociedade brasileira para uma conversa. Primeiro, se dispoem a ir geograficamente ao local onde os movimentos populares pareciam mais efervescentes. Em segundo lugar, eles convidaram alguns dos mais respeitados pensadores brasileiros—sociólogos e economistas—para participarem da discussão. Essa conferência trouxe uma visibilidade para os protestantes brasileiros que eles nunca tinham experimentado antes. O governador do estado de Pernambuco participou de algumas reuniões e o presidente João Goulart enviou um representante a Recife. Jornais em Recife e São Paulo noticiaram o evento, alguns com manchetes em primeira página.

Mas, se esta Conferência representou o mais interessante momento de um movimento que se desenvolveu no protestantismo brasileiro desde meados da década de 1950, ela também representou o começo do fim deste movimento. Pressões vindas tanto do estado quanto dos setores mais conservadores da igreja contribuíram para o fim do movimento. Em 1962 o Brasil já começava a experimentar uma certa convulsão social que culminaria com o Golpe Militar de 64. Nos anos que antecederam o golpe de estado, o DOPS (Departamento de Ordem Social e Política) já vinha observando as ações do SRSI.

Em 1960 Waldo César já havia recebido uma visita de um agente do DOPS levantando questões sobre a terceira consulta do SRSI. Em 1963, um coronel do exército visitou a sede da CEB fazendo perguntas sobre a Conferência do Nordeste. Nesta época a CEB resolveu suspender as atividades do SRSI e demitiu 4 de seus secretários, incluindo Waldo César. As pressões dos setores mais conservadores da igreja contra a ação do SRSI já vinham acontecendo há alguns anos, sendo notada em vários níveis. Richard Shaull teve que se afastar do Seminário Presbiteriano de Campinas e retornou aos EUA em 1962. Por isso, mesmo tendo participado da organização da Conferência do Nordeste não esteve presente nela. Ele seria proibido pelo governo militar brasileiro de pisar em solo brasileiro durante todo o período de ditadura militar. Alguns dos líderes do movimento igreja e sociedade foram expulsos de suas igrejas, e denunciados como subversivos ao governo militar. Vários tiveram que se exilar, alguns, como o próprio Waldo, chegaram a ser presos antes de sair. E um dos jovens estudantes que fizeram parte do movimento de estudantes cristãos, Paulo Wright, acabou preso, torturado e assassinado pelo governo militar. Sem espaços na igreja, alguns destes jovens líderes evangélicos migraram para o que Shaull chamou de igreja na diáspora, participando de diversos movimentos que resistiram a opressão de um regime ditatorial no decorrer das duas décadas seguintes. O movimento que aconteceu no Brasil foi fundamental para o surgimento de um movimento semelhante a nível continental: ISAL, Igreja e Sociedade na América Latina.

As igrejas evangélicas, por meio de lideranças conservadoras, comprometidas com os interesses ideológicos do regime militar, preferiram apagar esta memória. Desta forma, a maioria dos evangélicos hoje sequer ouviu falar neste movimento tão significativo para a história protestante no Brasil. Desde 1986, no chamado período de redemocratização, os evangélicos abandonaram o discurso que nutriram nos 21 anos de ditadura (“crente não se mete com política”) para participarem de novo no cenário político. O crescimento vertiginoso desse envolvimento desde então não foi acompanhado pelo trabalho de reflexão teológica que foi fundamental para o movimento igreja e sociedade. Pior ainda, muitos evangélicos participando da vida política hoje, mesmo alguns de orientação mais progressista, pensam que estão inventando a roda. Desconhecem e negligenciam um legado importantíssimo de ao menos dez anos de ação e reflexão que ainda tem muito a contribuir para aqueles que estão preocupados em discernir a responsabilidade cristã no contexto da realidade brasileira, 45 anos depois da Conferência do Nordeste. Através deste breve relato, que busca de alguma forma resgatar uma história esquecida, espero poder contribuir não para um saudosismo em torno de um tempo que nunca vai se repetir, mas sim para um engajamento social na nossa realidade contemporânea que não se furte a convidar esses personagens de um passado não muito distante para um diálogo crítico que certamente tem muito a nos oferecer na elaboração de uma teologia que tenha algo de significativo a dizer à realidade sócio-política da nossa nação, hoje.

Raimundo César Barreto Jr. (raimundob@yahoo.com)